



Como alguns templos mesoamericanos se assemelham ao Templo de Salomão?

“E eu, Néfi, construí um templo; e construí-o conforme o modelo do templo de Salomão, só não tendo sido construído com tantas coisas preciosas, porque elas não existiam naquela terra; portanto, não podia ele ser construído como o templo de Salomão. O tipo de sua construção, porém, era igual ao do templo de Salomão; e sua execução era consideravelmente esmerada”.

2 Néfi 5:16

O conhecimento

Depois que Néfi e sua família chegaram ao Novo Mundo, Néfi foi forçado a levar “os que acreditavam nas advertências e revelações de Deus” para o deserto para criar o que mais tarde seria conhecido como a nação nefita (2 Néfi 5:6). Néfi menciona que, depois de se estabelecer em uma nova parte da terra, seu povo construiu um templo “conforme o modelo do templo de Salomão, só não tendo sido construído com tantas coisas preciosas [...] O tipo de sua construção, porém, era igual ao do templo de Salomão; e sua execução era consideravelmente esmerada” 2 Néfi 5:16).

Quando o Livro de Mórmon foi publicado pela primeira vez, a ideia de um templo israelita fora de Jerusalém era um ponto de crítica contra o Livro de

Mórmon e Joseph Smith. No entanto, os estudiosos de hoje reconhecem amplamente que, embora o templo israelita central fosse, sem dúvida, o de Jerusalém, não era incomum que os israelitas construíssem templos dedicados à adoração de Jeová fora de Jerusalém. Esses templos também costumavam ser modelados segundo o templo de Salomão. Exemplos famosos são os templos israelitas encontrados em Elefantina e Leontópolis, no Egito, embora descobertas arqueológicas recentes tenham encontrado ainda mais templos dentro da própria terra de Israel.

Como o ramo de Israel de Leí construiu templos no Novo Mundo após sua chegada, também é

interessante observar as práticas de construção de templos na América pré-colombiana. Como muitos arqueólogos santos dos últimos dias e especialistas da América antiga observaram, há muitas semelhanças entre o templo em Jerusalém e os templos encontrados na América antiga, tanto em termos de estrutura quanto de função.

Por exemplo, o templo de Salomão continha muitas características únicas. Como resume John Sorenson:

o templo de Salomão foi construído sobre uma plataforma e sobre uma colina. [...] Dentro havia diferentes salas de sacralidade diferente. Do lado de fora do prédio havia um pátio ou praça cercada por uma parede. Sacrifícios eram feitos naquele espaço, em altares escalonados ou em terraços. [...] O edifício do templo foi orientado de modo que o nascer do sol no dia equinocial (21 de março ou 21 de setembro) enviasse os primeiros raios — considerados “a glória do Senhor” — através dos portões do templo, que foram abertos para a ocasião, diretamente para a parte mais sagrada.

Embora houvesse alguma variação entre os projetos de templos no Novo Mundo, esse mesmo padrão era típico de muitos templos mesoamericanos antigos, muitos datando dos tempos do Livro de Mórmon. Por exemplo, os templos mesoamericanos eram frequentemente construídos em altas plataformas ou colinas. Ocasionalmente, eles eram construídos em pirâmides para servir como uma colina artificial, afastando-se da cidade para “formar centros exclusivamente religiosos que dão aos edifícios destinados ao culto uma importância que a metrópole limita a certas áreas”. Alguns templos mesoamericanos também incluem dois pilares não estruturais na entrada do recinto do templo, que também era uma característica proeminente da entrada do templo de Salomão (ver 1 Reis 7:21).

Além disso, os templos mesoamericanos continham um pátio murado para sacrifícios, bem como salas interiores acessíveis apenas ao sacerdote. Estes geralmente incluíam dois cômodos, sendo o mais interno entendido como a presença de uma divindade. Essas salas “costumavam ser cobertas com uma cortina” e só podiam ser acessadas por “governantes e sacerdotes maias”. Isso não era muito diferente do

templo de Salomão, que seguia o padrão do tabernáculo de dividir o Lugar Santíssimo do resto do complexo do templo com um véu (ver Êxodo 36:35-36). Além disso, o Lugar Santíssimo continha a Arca da Aliança, que servia como trono de Deus na terra. Por esta e outras razões, alguns especialistas mesoamericanos e até mesmo algumas fontes espanholas antigas, compararam de forma semelhante os templos mesoamericanos ao templo de Salomão.

Além das semelhanças estruturais entre os templos do Velho e do Novo Mundo, Mark Alan Wright observou que esses templos também compartilhavam funções semelhantes. Reis foram coroados em templos mesoamericanos, e murais encontrados no templo de “San Bartolo, Guatemala (ca. 100 a.C.) vemos uma cerimônia de entronização em que o governante se senta em uma torre de madeira ou andaime para receber os emblemas do governo”. Uma coroação semelhante em um templo está registrada no livro de Mosias. Naquela coroação, o rei Benjamim se dirigiu ao seu povo de uma torre construída para o evento e declarou seu filho Mosias “rei e governante” sobre o povo (Mosias 2:30).

Os templos mesoamericanos também serviam como local de instrução ritual, e alguns murais do templo de San Bartolo podem ser entendidos como representações de “uma existência pré-mortal; a ordenação do cosmos; um paraíso da criação e a ascensão da humanidade; instrução sobre o sacrifício adequado; e a entronização celestial do deus da ressurreição, culminando em uma cena em que um humano acessa um trono idêntico ao usado pelo deus da ressurreição” quando os sacerdotes eram iniciados nas ordenanças do templo. Em última análise, os rituais maias se concentravam em entrar na presença dos deuses no santuário mais interno do templo, semelhante a entrar no Lugar Santíssimo. Há muito se sabe que o templo de Salomão no Velho Mundo estava associado a temas e rituais semelhantes.

Hoje, em algumas áreas da América, alguns desses rituais relacionados ao templo ainda são celebrados. V. Garth Norman, por exemplo, observou que muitos rituais realizados em Izapa, México, refletem a antiga concepção do templo no Velho e no Novo Mundo. Van C. Evans também apontou que alguns templos encontrados na América do Sul compartilham funções e rituais semelhantes aos do Velho Mundo.

O porquê

Muitos dos primeiros críticos do Livro de Mórmon inicialmente acreditavam que o templo de Néfi teria sido anacrônico para a crença israelita e proibido pela lei de Moisés. No entanto, à medida que mais evidências arqueológicas emergem do Velho e do Novo Mundo, o quadro oposto é realmente pintado. Na verdade, parece que o templo era de suma importância para os israelitas em todas as partes do mundo, como mostra o Livro de Mórmon. Isso é especialmente significativo porque esses templos foram encontrados muito depois da publicação do Livro de Mórmon em 1830 e teriam sido desconhecidos para Joseph Smith.

À medida que os templos do Novo Mundo continuam a ser escavados, deve-se lembrar que esses achados não nos permitem identificar quaisquer templos americanos antigos específicos como templos nefitas. No entanto, esses templos (especialmente aqueles que datam dos tempos do Livro de Mórmon) mostram que o tipo de templo que Néfi alegou que seu povo construiu não estaria fora de lugar em partes da América pré-colombiana. Em outras palavras, embora o precedente e o modelo do templo de Néfi fossem baseados no Velho Mundo, também teriam sido consistentes com os modelos familiares aos povos do Novo Mundo.

Em última análise, mais importante do que a estrutura arquitetônica desses templos é o significado subjacente dos próprios edifícios. Tanto no Velho como no Novo Mundo, o templo era um lugar onde os filhos de Deus podiam vir a Ele, fazer convênios com Ele, aprender sobre a Expição de Jesus Cristo e se tornar mais semelhantes a Deus. Devido à importância dos templos, não é de surpreender que o Senhor também tenha restaurado a verdadeira ordem da adoração no templo nos últimos dias por meio de Seu Profeta Joseph Smith. Ao permanecermos fiéis aos nossos convênios feitos no templo hoje, também podemos permanecer firmes no Senhor e nos tornarmos mais parecidos com nosso Salvador.

Leitura complementar

Evidence Central, “Book of Mormon Evidence: Mesoamerican Temples”, Evidence 257 (October 15, 2021).

Mark Alan Wright, “Axes Mundi: Ritual Complexes in Mesoamerica and the Book of Mormon”, Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship 12 (2014): pp. 79–96.

John L. Sorenson, Mormon’s Codex: An Ancient American Book (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2013), pp. 326–328.

Brant A. Gardner, Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 2: pp. 101–104.

John L. Sorenson, An Ancient American Setting for the Book of Mormon (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1985), pp. 141–145.



© Central do Livro de Mórmon, 2024

Notas de rodapé

1. Para uma discussão sobre os templos israelitas fora de Jerusalém, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Os antigos israelitas construíram templos fora de Jerusalém? (2 Néfi 5:16)”, KnoWhy 31 (8 de fevereiro de 2016); William J. Hamblin e David Rolph Seely, Solomon’s Temple: Myth and History (London, UK: Thames and Hudson, 2007), 33; Stephen D. Ricks, “Temples beyond Jerusalem”(artigo apresentado na conferência do templo no Mount Zion, Orem, UT, 5 de novembro de 2022). Josefo menciona o templo de Leontópolis (ocasionalmente chamado de Templo de Onias pelos estudiosos) várias vezes em seus escritos. Este templo foi destruído pelos romanos em 73 d.C., após a destruição do templo de Jerusalém por três anos. Josefo afirma em um ponto que este templo foi construído “segundo o padrão de Jerusalém e das mesmas dimensões”. Josephus, Antiquities of the Jews, 13.1. Isso não é diferente da afirmação que Néfi fará sobre seu próprio templo.
2. Para uma discussão mais aprofundada sobre as semelhanças estruturais com o templo de Salomão entre os templos mesoamericanos, ver Evidence Central, “Book of Mormon Evidence: Mesoamerican Temples” Evidence 257 (October 15, 2021).
3. John L. Sorenson, An Ancient American Setting for the Book of Mormon (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1985), p. 143.
4. Laurette Sejourne, “El Templo Prehispanico”, Cuadernos Americanos p. 149 (1966): p. 130: “Essa elevação se deve ao fato de que esses santuários não fazem parte de uma cidade e formam centros exclusivamente religiosos que dão aos edifícios destinados ao culto uma importância que a metrópole limita a determinadas áreas”. Sejourne também aponta que o erro de confundir os templos mesoamericanos com as pirâmides sobre as quais foram construídos se originou com os conquistadores espanhóis e continua sendo o entendimento tradicional, embora errôneo, de muitas pessoas hoje (p. 129). Ocasionalmente, alguns podem ter problemas com as escadas que estão sendo construídas em conexão com os templos

- mesoamericanos, permitindo que os peticionários subam a pirâmide. Este problema é frequentemente baseado em Êxodo 20:26: “Não subirás também por degraus ao meu altar, para que a tua nudez não seja descoberta diante deles”. Além disso, isso geralmente é feito em conexão com templos mesoamericanos que não datam dos tempos do Livro de Mórmon e são construídos em uma pirâmide. Além da questão de datar esses templos, esse argumento é falho por pelo menos duas outras razões. Primeiro, como acabamos de observar, os templos mesoamericanos não foram construídos na forma de pirâmides. Em vez disso, eles foram construídos em pirâmides, que eram uma montanha artificial, semelhante à forma como o templo em Jerusalém foi construído em uma plataforma elevada em uma montanha. Em segundo lugar, o texto de Êxodo 20:26 refere-se especificamente ao altar sacrificial, não ao templo como um todo, e uma análise textual mais detalhada desse versículo revela que ele não está realmente proibindo o uso de escadas para se aproximar do altar. A palavra traduzida como degraus na versão do Rei Jaime é *ma’ālōt*, que literalmente significa “ascensões”. Esta é a mesma palavra usada por Ezequiel quando ele vê o futuro templo de Jerusalém e seu altar em Ezequiel 43:15–17, em que ele afirma que seus “degraus[*maylot*, ‘ascensões’] estavam voltados para o oriente”. Este comando do Êxodo parece mais um aviso aos sacerdotes para não subirem ao altar, com base a preposição *‘al*, traduzida como unto na versão do Rei Jaime, mas que poderia ser traduzida como upon. Essa interpretação talvez seja reforçada pelo relato da disputa de Elias com os sacerdotes de Baal, pois esses sacerdotes profanam o altar de várias maneiras e dizem que “saltavam sobre o altar [*‘al*] que se tinha feito (1 Reis 18:26). Ver Spencer Kraus, “A Note on Temples, Stairs, and Mesoamerica”, *Latter-day Light and Truth* (blog), dezembro 7, 2022.
5. John L. Sorenson, *Mormon’s Codex: An Ancient American Book* (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2013), p. 327.
 6. Para saber mais sobre os sacrifícios nos templos mesoamericanos, ver Mark Alan Wright, “Axes Mundi: Ritual Complexes in Mesoamerica and the Book of Mormon”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 12 (2014): pp. 88–91.
 7. Wright, “Axes Mundi”, p. 93.
 8. Juan de Torquemada, *Monarquía Indiana*, 3 vol. (Cidade do México, MX: Editorial Salvador Chávez, 1943), 2: p. 160, observa: “Vale a pena notar a divisão deste templo [asteca]; pois descobrimos que ele tem uma sala interna, como a de Salomão, em Jerusalém, na qual ninguém entrou, exceto os sacerdotes.” Isso também foi citado favoravelmente em Sejourne, “El Templo Prehispanico”, 143, Sejourne repetindo muitas das mesmas ideias. Diego Duran, *The History of the Indies of New Spain*, trans. Doris Heyden (Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1994), 130, também comparou a construção do templo de Montezuma I ao templo de Salomão.
 9. Wright, “Axes Mundi”, pp. 81–82. Brant Gardner também propôs que, à medida que os nefitas se tornaram mais imbuídos das culturas do Novo Mundo, pode ter havido uma “mesoamericanização” de seus templos, o que poderia permitir que outros padrões de templos mesoamericanos se tornassem aceitos entre o público nefita, “sem dúvida por causa do simbolismo compartilhado entre as formas [do Velho e do Novo Mundo]”. Assim, mesmo que os nefitas mais tarde construíssem seus templos usando outros padrões arquitetônicos, o simbolismo e as ordenanças teriam permanecido consistentes. Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon*, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 2: p. 103.
 10. Wright, “Axes Mundi”, p. 85.
 11. Wright, “Axes Mundi”, p. 88. Quanto aos salões internos dos templos, Laurette Sejourne também observa que “a arqueologia confirma o santuário em seu papel como um espaço interno divino” através do qual os sacerdotes poderiam receber “uma iniciação”. Sejourne, “El Templo Prehispanico”, 147: “Qualquer que seja a realidade dessas grotescas, a arqueologia confirma o santuário em seu papel como interioridade divina cuja passagem implica uma iniciação”.
 12. Ver Wright, “Axes Mundi”, p. 91–93; ver também a discussão anterior sobre a cortina ou véu dos templos mesoamericanos.
 13. Ver V. Garth Norman, *Izapa Sacred Space: Sculpture Calendar Codex*, rev. ed. (Provo, UT: Brigham Young University Press, 2015), pp. 205–209, para discutir as ordenanças realizadas hoje em Izapa. Ver também V. Garth Norman, “Lessons from a Maya Temple Ceremony Dedicated to their Ancestors”, *Meridian Magazine*, 11 jun. 2020.
 14. Ver Van C. Evans, “Wiraqocha and the Rites of the Temple in Raq’chi, Peru”, em *The Temple: Past, Present, and Future. Proceedings of the Fifth Interpreter Foundation Matthew B. Brown Memorial Conference: The Temple on Mount Zion*, 7 November 2020, ed. Stephen D. Ricks e Jeffrey M. Bradshaw (Orem, UT: Interpreter Foundation; Salt Lake City, UT: Eborn Books, 2021), pp. 142–170; Van C. Evans, *Willka Wasin Wiraqocha: The House of the Lord. Evidências da visita de Jesus Cristo à América do Sul e das ordenanças, rituais e doações dos templos construídos para adorá-lo* (autopublicado, 2019).
 15. Jared W. Ludlow, “A Tale of Three Communities: Jerusalem, Elephantine, and Lehi-Nephi”, *Journal of Book of Mormon Studies* 16, no. 2 (2007): pp. 28–41, 95.